



O quadrado semiótico greimasiano: herança e transformação*

Eliane Domaneschi**

Résumé: Este artigo centra sua reflexão na estrutura elementar da significação, ou quadrado semiótico, como postulada por Algirdas Julien Greimas, com especial atenção às relações que estruturam esse modelo, para a partir daí propor uma leitura crítica e, na medida do pertinente, comparativa de pontos específicos de teorias desenvolvidas por três outros autores: Aristóteles, o filósofo grego, Robert Blanché, filósofo francês estruturalista do século XX, e Claude Zilberberg, semioticista francês que trabalha hoje desenvolvendo a teoria semiótica tensiva. Apesar de produzidos sob paradigmas disciplinares distintos e, portanto, incomensuráveis, é possível identificar nos textos escolhidos pontos de contato, remissão e interlocução. Juntos, eles formam o pano de fundo sobre o qual procuraremos discernir o que se pode entender hoje como herança e transformação do quadrado semiótico.

Mots-clés: quadrado semiótico, Greimas, estruturalismo, lógica, Zilberberg

1 Introdução

O ponto de partida para a reflexão que pretendemos estabelecer aqui passa pelo debate sobre o futuro do estruturalismo como grande corrente de pensamento nas ciências humanas, o que diz respeito, portanto, à semiótica francesa em sua origem. Nesse sentido, escolhemos como elemento central o modelo teórico do quadrado semiótico greimasiano, talvez o mais emblemático esquema visual produzido pela teoria, em torno do qual faremos orbitar o conteúdo de três textos: “On Interpretation”, do filósofo grego Aristóteles; *Structures intellectuelles*, publicado em 1969 por Robert Blanché, filósofo francês estruturalista; e trechos de *Éléments de grammaire tensive*, obra de 2006 de Claude Zilberberg, semioticista francês que trabalha hoje desenvolvendo a semiótica tensiva.

Nossa intenção é, diante dessas teorias, apesar de

terem sido produzidas sob paradigmas disciplinares distintos como a filosofia e a semiótica e serem, portanto, incomensuráveis, empreender uma leitura crítica e, na medida do pertinente, comparativa, que nos permita primeiramente ressaltar os pontos de contato, remissão ou retomada indicadores de certa interlocução entre os textos. O que procuramos nos filósofos, ou seja, o que aciona e motiva nossa leitura deles, são suas formulações sobre os problemas linguísticos.

Retomamos um conjunto de escritos que têm entre si algumas relações já bem estabelecidas e notórias – como a herança de Aristóteles na estrutura do quadrado greimasiano – e cuja remissão de um a outro é feita por vezes de modo direto, na forma de citação nominal entre os autores – Blanché dirige-se diretamente a Aristóteles, Greimas menciona Blanché ao apresentar seu modelo em quadratura em *Du Sens* (1970, p. 137). Porém, diante desse *corpus* teórico cuja reunião

*. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2017.140738>

** Eliane Domaneschi est doctorante en Sémiotique et Linguistique générale à l'Université de São Paulo (USP – Brésil). Sa recherche porte sur la question des modalités du croire et du savoir en sémiotique, sous la direction du Prof. Dr. Waldir Bevidas et avec le soutien du Conseil National pour le Développement Scientifique et Technologique (CNPq). Elle a soutenu son masteur en Sémiotique et Linguistique générale (2013) à l'USP, intitulé « Crer e saber: um estudo semiótico ». Sa licence en lettres (2011) a aussi été entreprise à l'USP. Sa recherche porte sur la linguistique et la sémiotique dans ses développements actuels. Adresse électronique: (elianrev@gmail.com).

possa já trazer algo de familiar, temos um objetivo específico : ele forma o pano de fundo sobre o qual procuraremos discernir o que se pode entender hoje como herança e transformação do quadrado semiótico, um modelo fruto do contexto intelectual estruturalista.

2 O quadrado de Greimas

O modelo teórico da estrutura elementar da significação, ou quadrado semiótico, é elemento central no paradigma semiótico greimasiano e em grande parte responsável pela fecundidade e alcance da teoria de Greimas. De fato, desde a sua elaboração nos anos 1960, o quadrado semiótico, como ferramenta para a abordagem e análise textual, é amplamente empregado pela patente reprodutibilidade de análise que garante enquanto método científico de pesquisa.

No momento em que Greimas formula sua teoria (*Sémantique structurale* de 1966), as ideias estruturalistas estavam no auge. Assim, para conceber seu

esquema, o semioticista parte de uma relação de oposição binária entre dois termos retomada dos estudos fonéticos e fonológicos então empreendidos por nomes como Trubetzkoy, Jakobson e Martinet no contexto do Círculo de Praga : trata-se de uma oposição qualitativa do tipo $s1$ vs. $s2$ (como em “dia” vs. “noite”), que formam então os termos *contrários*. A partir deles, por meio de uma operação de negação, obtêm-se $\bar{s}1$ vs. $\bar{s}2$ (“não-dia” vs. “não-noite”), em que $s1$ vs. $\bar{s}1$ (“dia” vs. “não-dia”) estão em oposição do tipo privativa formando o par de termos *contraditórios*.

Superando o binarismo, a estrutura em quadratura comporta ainda termos de terceira geração, complexo (S) e neutro (S), que obedecem à lógica das oposições participativas, onde termos extensivos (mais vagos) e intensivos (mais precisos), de acordo com definição de Hjelmslev (1978[1972]), se relacionam. De forma geral, temos, no quadrado semiótico, uma perspectiva estrutural em que as relações dão sentido aos termos. O arranjo final é este :

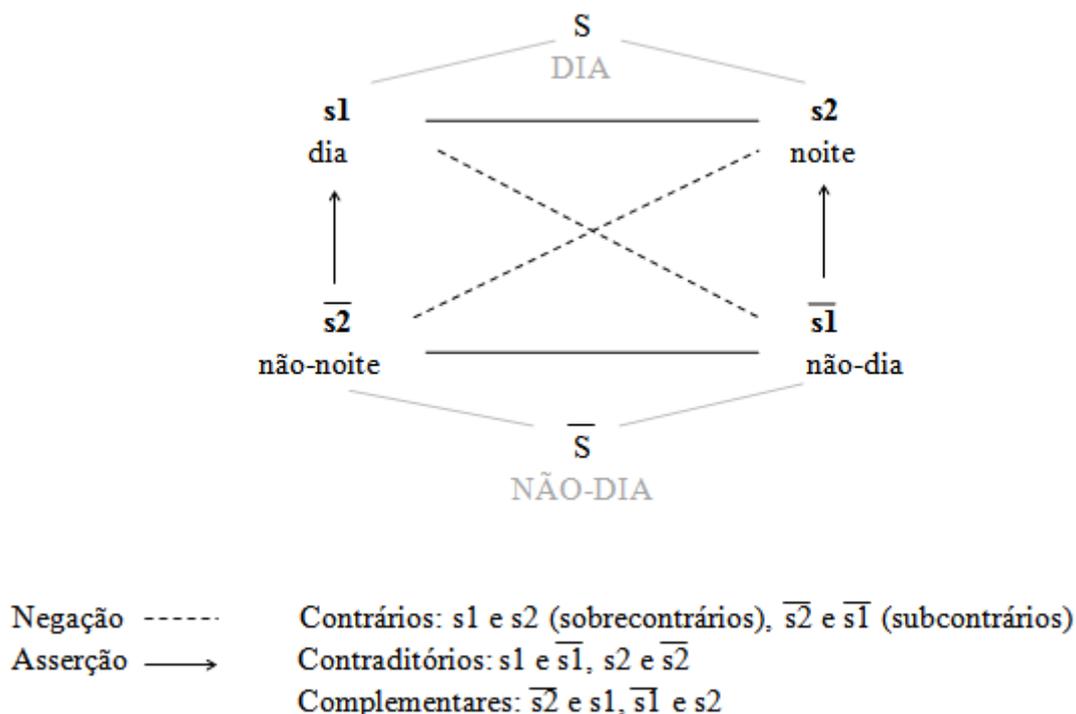


FIGURE 1 - Quadrado semiótico

Muitos dos fundamentos conceituais da linguística e conseqüentemente da semiótica, porém, vêm de contribuições filosóficas. Assim, se nos propusermos a remontar, num horizonte intelectual mais amplo da história das ideias, à origem da conceptualização de uma relação do tipo *contraditória* (disposta no eixo diagonal do quadrado semiótico), o texto “On Interpretation”, de Aristóteles, pode ser indicado como um

escrito seminal.

3 A herança de Aristóteles

“On Interpretation” faz parte de um compêndio de textos chamado *Organon*, que data de 322 a.C., e volta-se ao que se pode entender hoje como o problema da

significação na linguagem. Nele, Aristóteles é guiado de maneira geral pela noção platônica de que as palavras são os símbolos do pensamento e por isso possuem valor de verdade ou falsidade apenas derivativo dele – o pensamento, sim, é essencialmente verdadeiro ou falso. Há, de fato, uma preocupação com o julgamento do que é verdadeiro (mesmo em sua forma derivativa, ou seja, já em linguagem), com o que tem possibilidade de existência, e essa busca vai delinear o método forjado pelo filósofo frente ao então misterioso modo de funcionamento das palavras no mundo, definindo o nível de análise que aí lhe interessa : o da proposição.

Assim, Aristóteles nos oferece nas páginas iniciais de “On Interpretation” uma série de definições preliminares, como a de nome, verbo, sentença, afirmação e negação, até chegar à noção de proposição. Definida em oposição ao conceito de simples sentença, a proposição é uma composição que contém forçosamente um verbo ou um modo verbal e à qual se pode atribuir o valor de verdade ou falsidade ; diferentemente de uma sentença como uma prece, por exemplo, que possui apenas sentido retórico e a que os valores de verdade ou falsidade não se aplicam. As proposições serão inicialmente categorizadas segundo sua qualidade (afirmativas e negativas) e quantidade (universais e particulares). É somente a partir dessa categorização que o filósofo estabelecerá relações de contradição e contrariedade entre elas, como veremos a seguir.

Dessa maneira, a proposição sempre afirma (primeiro tipo de proposição, a afirmativa) ou nega algo sobre algo (segundo tipo, a negativa). Aristóteles postula também que toda afirmação tem seu oposto em forma de negação e toda negação tem sua afirmação oposta : esses pares de proposições contraem – e aqui

chegamos à formulação original do princípio de contradição – uma relação do tipo *contraditória* e possuem, de acordo com o filósofo, o mesmo sujeito (em seu exemplo original, como veremos mais à frente : homem) e predicado (branco).

Há, ainda, para completar o sistema aristotélico de interpretação, uma outra forma de oposição : a das proposições contrárias. A distinção entre proposições contraditórias e contrárias se dá, então, por uma diferença de generalidade : podendo referir-se a coisas particulares ou universais, as proposições do tipo contraditórias têm o mesmo sujeito, mas sua afirmação possui caráter universal (*todo* homem é branco) e sua negação caráter particular (*nem todo* homem é branco) ; já as contrárias mantêm o caráter universal na afirmação (*todo* homem é branco) e na negação (*nenhum* homem é branco) – apenas a título de completar a série que opõe as proposições duas a duas, a quarta proposição, contrária à particular negativa (*nem todo* homem é branco) e contraditória à universal negativa (*nenhum* homem é branco), é a particular afirmativa : “*algum* homem é branco”.

Temos, desse modo, oposições por qualidade (negativa vs. afirmativa), por quantidade (universal vs. particular), e, na sua busca de caráter platônico, o filósofo postula ainda em relação ao conteúdo das proposições : que as contrárias universais (A, E) não podem ser as duas verdadeiras, mas podem ser falsas ao mesmo tempo ; as contrárias particulares (I, O) podem ser as duas verdadeiras, mas não ambas falsas ; e as contraditórias (A, O e E, I) não podem ser ambas verdadeiras (ou falsas) ao mesmo tempo sobre o mesmo sujeito :

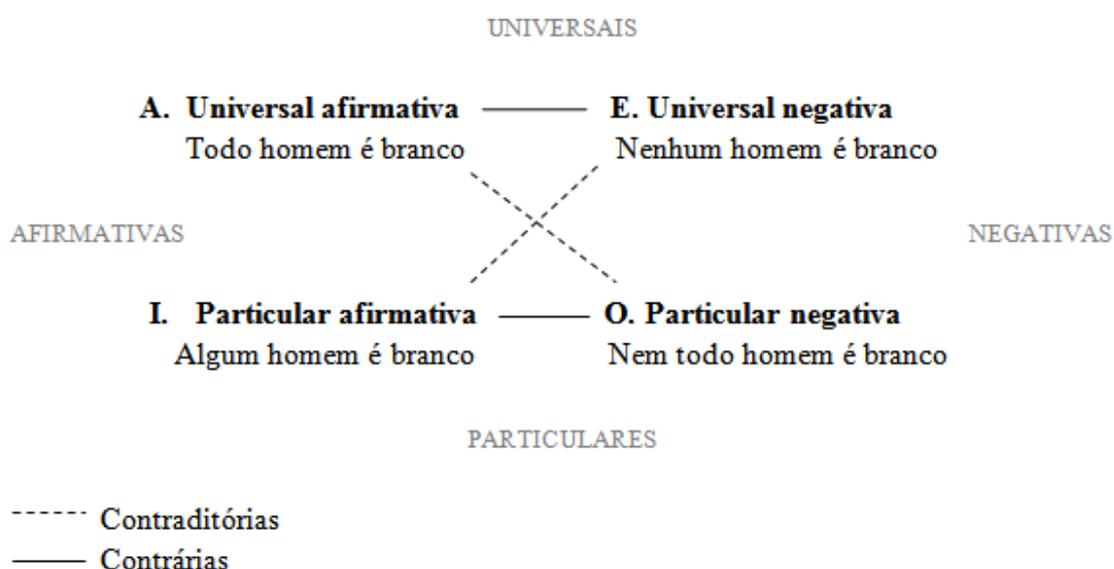


FIGURE 2 – Quadrado aristotélico

Fazemos aqui a ressalva apontada pelo filósofo francês Robert Blanché (1969, p. 22-23) de que Aristóteles não chega a sistematizar esses pares de opostos em um quadrado como o apresentado acima, estrutura visual que aparece pela primeira vez no livro III de *De dogmate platonis philosophi*, de Apuleio, já no século II.

As descobertas de Aristóteles sobre o funcionamento dos pares de proposições opostas e a classificação formal à qual elas conduzem respeitam no geral os princípios que vieram a ser conhecidos mais tarde como o Princípio da Não-Contradição e o Princípio do Terceiro Excluído no domínio da lógica formal, e por isso são tomadas como “descobertas lógicas de primeira importância” (Kneale e Kneale, 1991, p. 48).

De fato, o texto de Aristóteles recebe destaque por apresentar na estrutura do quadrado das oposições uma contribuição central à lógica formal enquanto disciplina. Como destacam Kneale e Kneale (1991, p. 25) em relação ao surgimento desse escrito, como já mencionado, 322 a.C. : “A palavra lógica só adquiriu seu sentido moderno 500 anos depois (a partir da publicação); mas o âmbito da investigação, mais tarde chamada lógica, foi determinado pelo conteúdo do *Organon*”. Ou seja, a identificação do parâmetro lógico, na acepção do termo que nós empregamos hoje, pode ser entendida como uma leitura retrospectiva do trabalho de Aristóteles.

Retomada aqui pelo que contribuiu para o quadrado semiótico greimasiano, podemos já constatar que a herança aristotélica não se deu de maneira direta ou irrestrita¹. Em termos de construção do esquematismo, ela se concentra formalmente na relação de natureza *contraditória*, que é gerada por uma operação de *negação* nos dois modelos, mas que, no entanto, rege termos em Greimas e proposições em Aristóteles. Mesmo a estrutura em quadratura não é motivada da mesma maneira : não são as mesmas relações que subjazem e sustentam a disposição dos pontos dessa mesma forma geométrica.

Ainda sobre a adoção do parâmetro lógico (ulteriormente depreendido da estrutura aristotélica) para a abordagem ou compreensão dos fenômenos linguísticos e sua criação de sentido, trata-se de algo de antemão descartado pela teoria semiótica francesa já em seus escritos iniciais. Em “Pour une théorie des modalités” (1976, p. 91 - 92) Greimas, ao dissertar sobre as relações de *negação* e *asserção* encontradas

na estrutura de seu quadrado, chama a atenção para o fato de que o que poderia ser entendido aí como uma implicação de caráter lógico (por exemplo : a negação de “noite” implicar a asserção de “dia”) não é pertinente no âmbito de sua disciplina :

Trata-se aqui de marcar uma diferença de tratamento entre a *lógica* (que é de natureza frásica e opera apenas por substituições) e a *semiótica discursiva* (em que os enunciados possuem, além disso, uma significação *posicional*). (Greimas, 1976, p. 92)

O caso exemplar mais célebre nesse sentido, de que em semiótica os enunciados carregam uma espécie de *memória* de operações anteriores, de onde decorre sua significação posicional, é o da negação em língua francesa, que pode ser feita utilizando-se a palavra “non” ou “si”, dependendo do que veio *antes* : negar uma afirmação demanda “non”, enquanto negar uma negação exige “si”. De acordo com Greimas (1976, p. 91) isso “mostra bem que ‘si’ não é uma simples asserção, mas um lexema carregado de ‘memória’ e que pressupõe um enunciado de negação que lhe é anterior” :



FIGURE 3 - Quadrado semiótico. Fonte : Greimas e Courtés, 2008 [1993], p. 402.

Esse exemplo também é retomado no *Dicionário de semiótica* (2008[1993]), de Greimas e Courtés, que, ao justificarem a impertinência da lógica junto à sua disciplina, destacam que : “Na linguística, as coisas se sucedem de outro modo : aí o discurso conserva traços das operações sintáticas anteriormente efetuadas” (2008[1993], p. 402) e, por isso, “qualquer identificação apressada dos modelos semióticos com os lógico-matemáticos só pode ser perigosa” (2008[1993], p. 404). Ao fugir das explicações lógicas acerca da linguagem e da comunicação, a semiótica busca atender ao modo de funcionamento do discurso que ela acredita lhe ser próprio.

1. A reflexão aristotélica sobre um tipo de proposição específica, a modal, compreendida pelo filósofo como aquela que contém expressões como “necessário”, “possível” ou “contingente”, também é uma formulação de Aristóteles mantida pela teoria semiótica francesa. Nessa reflexão, o filósofo estagirita vai, por intuição semântica, observar que a necessidade (dever ser) parece encontrar na impossibilidade (não poder ser) o seu contrário : “O fato de que as proposições que predicam necessidade não seguem o mesmo tipo de sequência do resto se deve ao fato de que a proposição ‘é impossível’ é equivalente, quando usada com um objeto contrário, a ‘é necessário’ (...) desse modo as proposições ‘é impossível’ e ‘é necessário’ não são equivalentes, mas inversamente conectadas” (2004, pp. 16-17). Essa relação então é mantida na semiótica greimasiana concernente à modalidade do DEVER (alética) e do PODER e faz com que os quadrados que contêm as projeções do DEVER-SER e do PODER-SER sejam homologados de forma inversa, para que a *necessidade* fique configurada modalmente como um DEVER-SER associado a um NÃO PODER NÃO SER e a *impossibilidade* como um DEVER NÃO SER ligado a um NÃO PODER SER : ver mais em Greimas e Courtés (2008[1993], p. 373).

4 A crítica de Blanché

Ainda no amplo contexto do estruturalismo francês em ciências humanas, e contemporaneamente aos desenvolvimentos iniciais da semiótica greimasiana enquanto disciplina, encontramos os trabalhos de Robert Blanché, filósofo que se ocupou entre outros temas também da questão da linguagem, sobretudo em sua relação com a lógica. Recuperamo-lo aqui por também nele ser possível identificar uma remissão fundamental a “On Interpretation” de Aristóteles, não para herdar daí uma relação formal como Greimas, mas para fazer uma interpretação crítica sobre a estrutura do quadrado clássico aristotélico, em continuidade a ele porém propondo sua reformulação, e pondo em questão a pertinência do parâmetro lógico para a compreensão do funcionamento de nossas operações intelectuais, onde ele entende estar compreendida o que chama de “linguagem comum” : esse é o conteúdo de *Structures intellectuelles* (1969).

Nessa obra, o filósofo aponta, em relação à “renovação contemporânea” pela qual a lógica passa depois de um século de seu surgimento, para o cuidado que a disciplina teve então em “manter sua teoria em estreito contato com as operações intelectuais que qualificamos como lógicas. É apenas na medida em que ela respeitou essa coincidência que pôde interessar à filosofia” (Blanché, 1969, p. 8).

No entanto, o autor afirma que após Boole² “a correspondência entre a teoria lógica e a lógica operatória natural não para de se enfraquecer”, como se, a partir de certo ponto de desenvolvimento, “a lógica não pudesse mais perseguir ao mesmo tempo, com o mesmo escrúpulo, o seu duplo objetivo : aquele do rigor formal irretocável e o da adequação fina aos procedimentos lógicos espontâneos” (Blanché, 1969, p. 8). Estes últimos, para Blanché, fazem parte de nossa lógica operatória : pressuposta não somente pelos procedimentos científicos mas também pela totalidade de nossos procedimentos e posturas intelectuais.

Ele opõe, então, a lógica matemática à lógica como uma disciplina reflexiva, que interessaria à filosofia, e descreve o objetivo de seu texto como, longe de querer descrever processos mentais caindo no psicologismo, a busca, no nível da organização dos conceitos, de “explicitar e estudar uma estrutura objetiva e intemporal que valha como norma de postura do pensamento” (Blanché, 1969, p. 9). Para tanto, propõe uma reestruturação da teoria clássica das oposições expressa pelo quadrado de oposições aristotélico em busca de uma

teoria mais geral e mais abstrata e de uma estrutura que contenha uma “*Gestalt* mais bem equilibrada”³ (Blanché, 1969, p. 33).

O autor começa apontando o problema de que o quadrado de oposições de Aristóteles opõe proposições e não conceitos (1969, p. 23). Diante disso, defende a transposição da oposição de proposições para uma estrutura composta por uma série de três conceitos de uma mesma família que se relacionam ancorados na negação recíproca. Na tríade como espécie de expressão formalizada da estrutura do pensamento, que opera então sobre conceitos, as posições I (originalmente de “Particular afirmativa”) e O (a “Particular negativa”) encontram-se subsumidas em um só ponto, Y. Esse gesto de Blanché se justifica pois o autor aponta o quadrado como uma “estrutura manca” (1969, p. 37) dada a fraqueza das posições I e O, que, segundo ele, dificilmente se encontram ambas preenchidas em uma operação intelectual.

Na releitura de Blanché sobre os exemplos aristotélicos, o pensamento humano prescinde de “Algum homem é branco” (I) e “Nem todo homem é branco” (O) pois, entre os universais “Todo” (A) e “Nenhum” (E), interpola-se apenas um termo, “Algum” (proposto como Y para estruturar, junto aos outros dois, um triângulo), entendido como um “particular neutro” (Blanché, 1969, p. 41). Esquemáticamente :

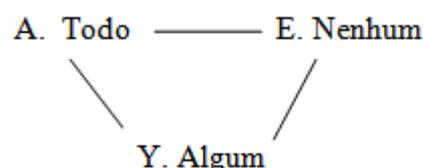


FIGURE 4 – Esquema de Blanché

A tríade A E Y, assim, captaria e expressaria a estrutura mesmo de um pensamento, uma estrutura intelectual, e com economia descritiva. De forma análoga ao exemplo “todos” (A), “nenhum” (E) e “algum” (Y), Blanché também apresenta : “anterioridade” (A), “posterioridade” (E) e “simultaneidade” (Y) ; bem como “maior” (A), “menor” (E) e “igual” (Y) ; “necessário” (A), “impossível” (E) e “contingente” (Y), enfim, exemplos que vêm ilustrar que “na linguagem comum, contrariamente ao uso dos lógicos, a tríade se organiza com simetria” (1969, p. 37).

De fato, Blanché faz a defesa de que “aqueles que

2. George Boole, matemático inglês cujos trabalhos dão origem à lógica booleana na segunda metade do século XIX, sistema que coloca a lógica em estreita e exclusiva relação com a matemática, afastando-a da filosofia.

3. A crítica central de Blanché à estrutura quaternária erigida a partir de Aristóteles é justamente a sua base de quatro pontos, que ele propõe inicialmente reformular em três, fundindo na posição Y o par de proposições I e O, como veremos. Além disso, ele aponta outras imperfeições formais no quadrado de oposições, como : “à exceção dos contraditórios, as outras relações de oposição não se ordenam de forma simétrica : contrariamente aos dois eixos laterais, os lados superior e inferior não são homogêneos ; e os laterais, apesar de parecidos entre eles, não são isotópos” (Blanché, 1969, pp. 32-33).

querem construir um instrumento que permita analisar os sistemas de conceitos tais como nós realmente o encontramos no pensamento comum não têm por que se ater ao quadrado dos lógicos” (1969, p. 40), destacando a tríade como um tipo de redução “perfeita” do quadrado, dado que obedece ao Princípio da Contradição e do Terceiro Excluído, e é exaustiva, com três termos que se excluem mutuamente (1969, p. 45). É importante mencionar que Blanché, depois de construir e exemplificar a tríade AEY, vai desdobrá-la nos três últimos capítulos de *Structures intellectuelles* (1969, pp. 47-91) em um *hexágono lógico*, estrutura pela qual é notoriamente reconhecido.

A ligação entre o hexágono de Blanché e o quadrado de Greimas é assinalada pelo próprio semiótico lituano que, no capítulo “O jogo das restrições semióticas” (Greimas; Rastier, 1970, pp. 135-155), parte de *Du Sens* (Greimas, 1970), ao apresentar o arranjo visual final de seu esquema em quadratura, aponta e autoriza sua relação com a forma hexagonal de Blanché. É curioso observar que, apesar de as premissas teóricas do modelo greimasiano já estarem presentes em *Semântica estrutural* (1966), é apenas em *Du Sens* que o quadrado é efetivamente desenhado e mostrado, ocasião em que os autores então aproveitam para afirmar :

Observação : o modelo acima não é senão uma formulação reelaborada daquele que foi proposto anteriormente (Greimas, *Sémantique structurale*, 1966, Larousse). Sua nova apresentação torna possível compará-lo ao hexágono lógico de R. Blanché (cf. C. Chabrol. *Structures intellectuelles*, in *Information sur les Sciences sociales*, 1967, VI-5), assim como também às estruturas designadas, em matemática, como o grupo de Klein e, em psicologia, como o grupo de Piaget. (Greimas; Rastier, 1970, p. 137)

Finalmente, o gesto teórico, e mesmo de solução gráfica, de Blanché, que consiste na reunião das duas posições que formam o eixo inferior de um quadrado (I, O) em um só ponto (Y), nos remete, ainda que por uma mera sugestão visual, ao que pode ser identificado hoje como um novo olhar ou uma nova perspectiva sobre o quadrado semiótico, no sentido de transformá-lo, lançados à estrutura por Claude Zilberberg.

5 A transformação de Zilberberg

Trabalhando no sentido de modular as oposições greimasianas que podem ser entendidas como originalmente categoriais, Claude Zilberberg é um semiótico da Escola de Paris que se aloca sob o mesmo paradigma disciplinar fundado por Greimas e procura desenvolvê-lo e aperfeiçoá-lo, avançando a teoria e sua modelização em diversos aspectos, como, por exemplo, na concepção da existência de um gradiente que comporta diversas posições intermediárias entre dois termos polarmente opostos como, retomando nosso exemplo inicial do quadrado semiótico, “dia” (s1) vs. “noite” (s2).

Abordagem especialmente relevante à nossa discussão, Zilberberg procura descobrir e descrever justamente o que está contido nesse “vs.” ou “x”, sinal que indica a oposição, que formaliza a diferença, relação cara e fundamental (e talvez tradicionalmente suficiente) à análise estruturalista para o estabelecimento de um sentido. Oposição agora encarada sob uma nova perspectiva, que busca o que se interpola no espaço da diferença e concebe que há opostos *mais* opostos do que outros : é nesse sentido que se pode dizer que Zilberberg se ocupa de uma *semiótica do intervalo*.

Em *Elementos de semiótica tensiva* (2011[2006], p. 79), então, ele introduz a sua proposta, pontuando alguns limites com que se deparou a análise estrutural :

O estruturalismo permaneceu enredado nos termos, sem conceber as propriedades da relação enquanto tais. [...] Cumpre agora ir mais além e formular os rudimentos de uma semiótica do intervalo. A diferença saussuriana, como se isso fosse óbvio, foi pensada e repensada em termos de contrariedade e contradição, mas nem todos os contrários se equivalem, se nos lembrarmos de Bachelard em *A Dialética da Duração* : “[...] podemos invocar dois tipos de casos, conforme os contrários se lancem numa hostilidade decisiva ou que tenhamos de tratar contrariedades mínimas’ em que os contrários podem ser ‘menos hostis, menos distantes’ (Bachelard, 1988, p. 130). (Zilberberg, 2011[2006], p. 79)

Essa hipótese, assim esboçada, será aplicada à estrutura do quadrado semiótico greimasiano, onde Zilberberg distinguirá “entre *sobrecontrários* tônicos e distantes, e os *subcontrários* átonos e próximos” (2011[2006], p. 79). Os *sobrecontrários* como indicados no início deste artigo, s1 e s2, e os *subcontrários* $\bar{s}1$ e $\bar{s}2$, são renomeados por ele “para a leveza de nossa explanação” para : *sobrecontrários* s1 e s4, e *subcontrários* s2 e s3. A ideia defendida aqui é que os *subcontrários* previstos por Greimas são termos mais próximos entre si do que os demais. Esquemáticamente, teríamos :

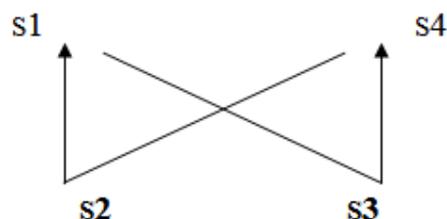


FIGURE 5 – Releitura do quadrado semiótico por Zilberberg

O autor afirma que o essencial, sob a perspectiva de uma semiótica do intervalo, é que aí “disposmos de *dois* intervalos bem definidos, em termos de tensividade : o intervalo maior [s1 – s4] e o intervalo menor [s2 – s3]” (2011[2006], p. 79). O preenchimento dessas posições com exemplos nos ajuda, então, a entender o que são oposições mais *hostis* ou oposições *mínimas* :

	S1	S2	S3	S4
	sobrecontrário	subcontrário	subcontrário	sobrecontrário
(Temporalidade)	EFÊMERO	BREVE	LONGO	ETERNO
(Espacialidade)	HERMÉTICO	FECHADO	ABERTO	ESCANCARADO

(Zilberberg [2006] 2011, p. 86)

FIGURE 6 – Sobrecontrários e subcontrários

Assim, os sobrecontrários “hermético” e o “escancarado” opõem-se mais do que o “fechado” e “aberto”, subcontrários menos hostis e mais próximos no que antes era visto como uma estrutura estanque. Essa nova perspectiva sobre o quadrado semiótico aponta para uma dinamização das relações e transformação desse esquema, e está relacionada também, sob a pluma de Zilberberg, a duas lógicas narrativas distintas : os subcontrários, opostos menos radicais, são regidos pela lógica *implicativa* : como estava aberto, eu fechei. Ao passo que os sobrecontrários, opostos mais hostis, seguem a lógica *concessiva* : apesar de ser hermético, escancarei.

6 Conclusão

Procuramos aqui recuperar pontos de teorias distintas, formuladas até mesmo em disciplinas epistemologicamente e metodologicamente diferentes, como a semiótica e a filosofia, com o objetivo de destacar formulações em que Aristóteles, Blanché, Greimas e Zilberberg se debruçam de alguma forma sobre o amplo problema da linguagem, construindo aí cada um à sua maneira o seu objeto, definindo seu método e nível de análise, forjando seus conceitos para empreender suas reflexões.

Sob o mote da identificação de heranças e transformações referentes ao quadrado semiótico, acreditamos ter apontado algumas direções. O fato de termos centrado nossa reflexão nessa estrutura esquemática visual acabou por reunir aqui outros três autores que também elaboraram modelos que buscaram captar e mesmo representar visualmente o objeto sobre o qual teorizam, propondo soluções também de caráter gráfico.

Frente às diferentes elaborações teóricas aqui abordadas, não tivemos o intuito de traçar uma linha cronológica de progresso das ideias ao final da qual se chegaria a uma solução, mas antes pretendemos observar a quais problemas esses modelos descritivos lograram fazer face.

Destacamos também a diferença de pertinência do parâmetro lógico para a abordagem e compreensão dos fenômenos linguísticos – uma discussão incidental e satélite a nosso tema, mas que se mostrou inerente e

incontornável à reflexão proposta : Aristóteles é tido e apontado retrospectivamente como o teórico original para o que se constrói como lógica clássica, Greimas descarta a lógica de antemão por considerá-la não pertinente para a análise do funcionamento do discurso, Blanché a relativiza na noção de “lógica operacional” para lhe dar tratamento e, finalmente, Zilberberg nos apresenta, na esteira de sua teorização sobre o intervalo, o que ele chama de duas “lógicas” coladas à noção de narrativa, a da implicação e da concessão. ●

Referências

- Aristóteles
2004. *On Interpretation*. Tradução de E. M. Edghill. South Australia : The University of Adelaide. Disponível em : < <https://ebooks.adelaide.edu.au/a/aristotle/interpretation/> > (Acesso em : 29/3/2017).
- Bachelard, Gaston
1988. *A dialética da duração*. Tradução de Marcelo Coelho. São Paulo : Ática.
- Blanché, Robert
1969. *Structures intellectuelles : Essai sur l'organisation systématique des concepts*. Paris : Librairie Philosophique J. Vrin.
- Greimas, Algirdas Julien
1966. *Sémantique structurale : Recherche de méthode*. Paris : Larousse.
- Greimas, Algirdas Julien
1976. “Pour une théorie des modalités”. *Langages*, ano 10, n° 43, p. 90-107.
- Greimas, Algirdas Julien ; Courtés, Joseph
2008[1993]. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo : Contexto.
- Greimas, Algirdas Julien ; Rastier, François
1970. “Les jeux des contraintes sémiotiques”. In : Greimas, Algirdas Julien. *Du Sens*. Paris : Éditions du

Seuil, p. 135-155.

Hjelmslev, Louis

1978[1972]. *La categoría de los casos : estudio de gramática general*. Tradução de Félix Pinero Torre. Madrid : Gredos.

Kneale, William Calvert ; Kneale, Martha

1991[1962]. *O desenvolvimento da lógica*. Tradução

de Manuel Lourenço. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.

Zilberberg, Claude

2011[2006]. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beívidas. São Paulo : Ateliê Editorial.

Données pour indexation en langue étrangère

Domaneschi, Eliane

Le carré sémiotique greimassien: héritage et transformation

Estudos Semióticos, numéro special (2017)

ISSN 1980-4016

Résumé: *Cet article propose une réflexion centrée sur la structure élémentaire de la signification, également connue sous le nom de carré sémiotique, créée par Algirdas Julien Greimas, mettant en avant les relations qui structurent ce modèle. On a l'objectif alors d'entamer une lecture critique de quelques points des théories développées par Aristote, le philosophe grec, Robert Blanché, philosophe structuraliste français du XXe siècle, et Claude Zilberberg, sémioticien français contemporain qui travaille dans le champs de la théorie sémiotique tensive. Malgré ses différentes origines disciplinaires, ce corpus théorique forme l'ensemble en arrière plan où on cherche à discerner ce qui peut être compris aujourd'hui comme des éléments d'héritage et de transformation par rapport au carré sémiotique.*

Mots-clés: *Carré sémiotique ; Greimas ; structuralisme ; logique ; Zilberberg*

Pour citer cet article

Domaneschi, Eliane. O quadrado semiótico greimassiano: herança e transformação. *Estudos Semióticos*. [En ligne] Disponible sur: (www.revistas.usp.br/esse). Éditeurs du numéro: Valeria De Luca et Carolina Lindenberg Lemos. Numéro special, São Paulo, novembre 2017, p. 51-58. Consulté le "jour/mois/année".